

## 7

## **Considerações teóricas sobre o conceito Locus de Controlo: Reflexões acerca do seu potencial preventivo**

NUNO MARREIROS

Artigo recebido em 01/09/2009; versão final aceite em 30/10/2009.

### **RESUMO**

O presente artigo pretende apresentar uma revisão de literatura sobre o conceito Locus de Controlo (LC) esmiuçando as suas origens e enquadramentos teóricos. O conceito LC pode ser definido como a percepção que um indivíduo tem sobre se determinado acontecimento é dependente de competências suas (intrínsecas) ou de forças externas a si como a sorte, o destino ou o poder de outros significativos (pares, adultos, etc.). Após esta caracterização esboçam-se relações entre o conceito e outras variáveis psicológicas de forma a reflectir sobre o seu potencial preventivo no âmbito do consumo abusivo de substâncias psicoactivas. Da análise realizada, é possível admitir a legitimidade desta variável na avaliação deste tipo de intervenções, já que os argumentos aqui reunidos permitem postular que o seu objectivo pode passar por promover a orientação interna da dimensão LC dos seus destinatários.

**Palavras-chave:** Locus de Controlo; Intervenção Preventiva; Processos de Avaliação.

### **RÉSUMÉ**

Ce document essaye de présenter un panorama de la littérature sur le concept de Locus de Contrôle (LC), par le scrutin de ses origines et encadrements théoriques. Le concept LC peut être défini comme la perception d'un individu sur le fait qu'un certain événement dépend de ses compétences (intrinsèques) ou s'il dépend des facteurs externes, comme la chance, le destin ou le pouvoir des autres (ses pairs, les adultes, etc.). Après cette caractérisation, on essaye d'établir des relations entre ce concept et d'autres variables psychologiques, de façon à réfléchir sur son potentiel dans la prévention de l'abus de substances psychoactives. De l'analyse, il est possible d'admettre la légitimité de cette variable dans celle de l'évaluation des interventions préventives, puisque les arguments réunis ici permettent de postuler que l'action préventive peut passer par la promotion de l'orientation interne du LC de ses destinataires.

**Mots-clé:** Locus de Contrôle; Intervention de Prévention; Procédures d'Évaluation.

### **ABSTRACT**

The aim of this article is to present a literature's review about the concept Locus of Control (LC) scrutinizing its origins and theoretical justifications. This concept (LC) can be defined as the perception of how an individual determine whether an event is dependent of his competence (inherent) or of external forces such as luck, fate or the power of others (partners, adults, etc.). With this characterization one can outline the relation between the concept and other psychological variables. Using this information, one can (re)assess the preventive potential within the area of psychoactive substance abuse. From the analysis carried out, it is possible to accept the legitimacy of this variable in the evaluation of preventive interventions. Evidence shows that it is acceptable that the preventive action should lead to the increase in internal orientation on the LC dimension of its participants.

**Key Words:** Locus of Control; Preventive Intervention; Evaluation Processes.

## 1 – INTRODUÇÃO

Numa era em que se valoriza a avaliação das práticas preventivas na área das toxicodependências, torna-se relevante reflectir sobre o potencial de variáveis que possam contribuir para enriquecer as metodologias de avaliação que envolvam este tipo de intervenções. O presente artigo pretende, deste modo, clarificar o conceito Locus de Controlo (LC) através de uma revisão de literatura do tema, com especial enfoque no seu potencial preventivo, relativamente ao consumo de substâncias psicoactivas.

## 2 – O CONCEITO LOCUS DE CONTROLO: REFLEXÕES CONCEPTUAIS

Rotter postulou a existência de um constructo a que denominou de Locus de Controlo (LC), inspirado nas teorias da aprendizagem social (Rotter, 1966). Na sua globalidade, estas teorias resultam da aplicação dos princípios da aprendizagem ao desenvolvimento da personalidade e à aquisição de comportamentos socialmente adaptativos (Bandura, 1977). O conceito LC assumiu particular importância, uma vez que tentou integrar diferentes correntes da Psicologia, designadamente o comportamentalismo e o cognitivismo. Para além disso, aborda fenómenos sociais importantes e lida com variáveis sociocognitivas da personalidade como a expectativa, o controlo e o reforço (Rotter, 1966; Lourenço, 1988; Barros, Barros & Neto, 1993).

Segundo Rotter (...) *a teoria da aprendizagem é uma teoria molar da personalidade que procura integrar duas correntes diferentes, mas significativas, da psicologia americana – as teorias de estímulo – resposta ou do reforço e as teorias cognitivas ou de campo. É uma teoria que procura lidar com a complexidade do comportamento humano, sem deixar de utilizar constructos definidos operacionalmente e hipóteses testáveis empiricamente* (Rotter, 1975, cit in Barros et al., 1993, pág. 17).

A teoria da aprendizagem pretende, deste modo, determinar quais os factores pessoais e situacionais que determinam a conduta social humana, valorizando a expectativa, o valor do reforço e a situação psicológica. A expectativa diz respeito à crença de um indivíduo poder alcançar os reforços por si desejados. Segundo

Barros et al. (1993), Rotter atribuiu maior importância à maneira como a situação é percebida e avaliada pelo sujeito, do que propriamente à situação objectiva em si. Trata-se de um factor interno, dependente do indivíduo e não de meras contingências externas (Rotter, 1975, cit in Barros et al., 1993). Por isso, o efeito do reforço não depende de uma relação automática entre o comportamento e a consequência, mas sim das expectativas da pessoa e do modo como ela percebe a relação causal entre o seu comportamento e a recompensa daí resultante.

Sobre o valor do reforço, Barros et al. (1993) sublinham que a probabilidade de ocorrência de determinado comportamento depende, também, do valor subjectivo que o indivíduo atribui aos fins esperados, pois os sujeitos diferem em muito na preferência por determinado reforço.

Finalmente, o conceito de situação psicológica refere-se a qualquer aspecto da situação (ou ao seu todo) com a qual o indivíduo está a lidar. Ainda que a psicologia social tenha incidido a tónica dos seus pressupostos em variáveis ambientais, a especificidade da situação psicológica salienta que o factor mais determinante do comportamento do indivíduo é a percepção subjectiva da acção e das diferentes experiências de vida. Assim, a situação deve sempre ser interpretada sob dois aspectos: a sua descrição objectiva e o significado da mesma quando atribuído pelo indivíduo (Relvas, 1983), aproximando-se das ideias de Bruner (1990), onde o significado atribuído pelo sujeito à situação torna-se determinante no seu processo de tomada de decisão. Segundo Rotter, o constructo LC define duas orientações possíveis de controlo do reforço: o controlo interno e externo, que se definem da seguinte forma: *Quando o reforço é percebido pelo sujeito como seguindo-se a alguma acção sua, mas não estando completamente dependente dessa acção, então, na nossa cultura é tipicamente percebido como resultado da sorte, do acaso, do destino ou sob o controlo de outros poderosos, ou como imprevisível, dada a grande complexidade de forças que o rodeiam. Quando o acontecimento é interpretado deste modo por um indivíduo, designamos isto uma crença no controlo externo. Se a pessoa percebe que o acontecimento depende*

*do seu próprio comportamento ou das suas características relativamente permanentes, apelidamos isto uma crença no controlo interno* (Rotter, 1966, pág. 1).

Convém salientar que Rotter (1966), numa fase posterior da sua investigação, reforçou a ideia de que não existe uma fronteira taxativa entre a internalidade e a externalidade, mas simplesmente uma tendência de funcionamento integrada num contínuo. Para o autor, a pessoa com tendência de controlo interno possui uma forte crença de que pode controlar o seu destino e, por consequência, estará mais atenta aos aspectos do meio que a circunda para definir o seu futuro comportamento (logo, procurará melhorar as suas condições ambientais) e mostrar-se-á mais resistente às tentativas para o influenciar (Barros *et al.*, 1993). Por outro lado, é de evitar atribuir juízos de valor quer à internalidade quer à externalidade. Ainda que socialmente se valorize o interno, a dicotomia bom/mau não é directamente aplicável ao constructo em si. Nalguns casos, uma forte internalidade pode conduzir, inclusive, a sentimentos de culpa acentuados (Phares, 1978). Todavia, existem estudos que sugerem que a tendência interna é favorecida nalgumas características afectivo-sociais e cognitivas, traduzindo-se em funcionamentos (...) *mais tolerantes, sociáveis, eficazes intelectualmente, mais assertivos, independentes e efectivos, enquanto os externos se mostram mais agressivos (devido à impotência social e à frustração) dogmáticos, desconfiados de si e dos outros, usando mais mecanismos de defesa* (Joe, 1971, cit in Barros *et al.*, 1993, pág. 29). Para além disso, os estudos de Barron e Harrington (1981) apontam para que os internos sejam também mais eficazes na aquisição, retenção e utilização da informação.

Relativamente aos antecedentes pessoais e à forma como se consolida o LC dos sujeitos existem alguns indicadores relevantes. Os estudos de Phares (1978), por exemplo, sugerem que a idade é um factor importante (normalmente a criança é mais externa aumentando a internalidade com o tempo), bem como o sexo (ainda que normalmente não existam diferenças significativas, os homens tendem a ser mais internos), a saúde (em situações de doença grave aumenta a externalidade) e a experiência passada.

Lifshitz e Ramot (1978) também afirmaram que a dimensão internalidade aumentava gradual e naturalmente com a idade, quer na assunção do sucesso, quer na do fracasso. Num estudo realizado em crianças dos 9 aos 14 anos, numa população de Kibbutz, Lifshitz e Ramot (1978) estudaram também a influência das normas e do grupo social na dimensão LC. Os movimentos Kibutzim são uma experiência única israelita e constituem um dos maiores movimentos comunais seculares na história. Combinando as suas origens socialistas e sionistas e forçados por uma necessidade de vida comunal, os membros Kibutz desenvolveram um modo de vida que atraiu atenções de todo o mundo. Este tipo de família é formado por todos os membros da comunidade independentemente de que existam ou não laços consanguíneos entre si. A principal característica destes movimentos era a sua normativa grupal. Os membros adultos da comunidade partilham o compromisso de cuidar e educar todas as crianças que formam parte da família comunitária como se de seus próprios filhos se tratassem. Os autores tentaram perceber a forma como a dimensão LC se desenvolvia em estruturas sociais com características específicas, oriunda de três destes movimentos. Para além de reforçar a ideia de que o ciclo de desenvolvimento facilitava a internalidade, este estudo realça também a influência da rede social de suporte (normas e costumes) na aquisição da percepção do controlo interno/externo do reforço. Assim, as crianças de meios que promoviam a liberdade e a responsabilidade para decidir sobre a sua vida, apresentavam maior tendência no registo interno, enquanto as outras, inseridas em meios onde imperava a norma do grupo, apresentavam maiores níveis de externalidade.

Por outro lado, relativamente à variável sexo, numa investigação desenvolvida posteriormente (Prawat, Grissom & Parish, 1979), os resultados apontam para que sejam as raparigas as mais internamente orientadas e com melhores desempenhos em tarefas que exijam esforço e motivação, contrariando os estudos de Phares (1978) que atribuíam ao sexo masculino maiores níveis de internalidade. No seu estudo, os autores envolveram 499 indivíduos do 3º ao 12º ano de esco-

laridade, no sentido de relacionar o constructo LC com a auto-estima e a motivação para o esforço. A supremacia do sexo feminino na internalidade é interpretada como maior tolerância deste às normas que os papéis sexuais exigem, ou seja, ainda que as raparigas estejam sujeitas ao mesmo tipo de "pressões externas" (pais, professores, etc.), essa influência não se faz sentir com tanta rigidez, como nos rapazes.

As práticas educativas parecem, deste modo, influenciar o tipo preferencial de funcionamento no que diz respeito ao controlo do reforço. Também Rotter (1966) afirmara que as práticas educativas estáveis e coerentes desenvolvem nas crianças atitudes de controlo interno, enquanto que os comportamentos imprevisíveis dos pais e professores tendem a facilitar a externalidade (Rotter, 1996). Joe (1971, *cit in* Barros *et al.*, 1993) refere alguns estudos que relacionam o controlo do reforço da criança com o estilo educativo dos pais e os resultados sugerem que o estilo parental mais flexível e permissivo promove a internalidade dos filhos, enquanto que a autoridade e a hostilidade são características dos pais dos externos. Podemos, desta forma, aceitar que uma educação baseada na confiança e liberdade favorecem a internalidade. Ainda que não seja de todo claro a supremacia da internalidade, face ao seu oposto, (...) *em geral, parece que educar para a internalidade ajuda ao sucesso* (Barros *et al.*, 1993, pág. 32).

Spence e Spence (1980) investigaram a influência de um programa de treino de competências pessoais e referem que aquela intervenção promoveu o incremento da orientação interna e da auto-estima num grupo de 44 adolescentes, todos do sexo masculino e referenciados como agressivos e ofensores da moral pública (com pequenos delitos associados a assaltos). Num desenho de investigação com três momentos de avaliação (pré-teste, pós-teste e avaliação de continuidade, seis meses depois) aplicaram duas provas (uma de LC e outra de auto-estima) a três grupos distintos: 1. com treino de competências, 2. grupo de atenção placebo, que consistia num grupo que recebia a atenção de um terapeuta com a mesma periodicidade do grupo anterior mas que, neste caso, se limitava a dinamizar algumas actividades lúdicas, assumindo uma

postura não directiva, não fazendo qualquer esforço no sentido discutir soluções para os problemas que surgissem e, finalmente, 3. um grupo sem nenhum tipo de intervenção. Os resultados revelaram que os dois primeiros grupos (com treino de competências e grupo de atenção placebo) aumentaram os seus valores de auto-estima, mas que apenas o que beneficiou da intervenção aumentou a internalidade das suas respostas. A análise de continuidade (seis meses depois) sugeriu que todos os grupos tenderam a baixar os seus resultados no terceiro momento de avaliação. Estes resultados permitem inferir que é possível intervir junto de um grupo no sentido de promover a internalização da dimensão LC.

### 3 – APLICAÇÕES DO LC

O conceito LC tem aplicações possíveis em diferentes campos de estudo, destacando-se a educação, a clínica e o domínio social. Ainda que a origem do constructo tenha a sua génese na teoria da aprendizagem social, são várias as aplicações clínicas que suscita.

Na tentativa de esclarecer critérios de diagnóstico e perceber a prevalência da depressão infantil na população Americana, Lefkowitz e Tesiny (1985), desenharam um estudo experimental que permitiu cruzar 38 variáveis (sendo uma delas o LC) com a sintomatologia associada ao quadro depressivo infantil. Relativamente ao constructo LC, os resultados apontaram para uma forte relação entre a externalidade e a depressão. Na análise feita por sexo foi possível perceber que esta relação é mais forte nos rapazes do que nas raparigas. Por outro lado, Youkilis e Bootzin (1979) estudaram a relação entre o LC e o ajustamento psicológico concluindo que a orientação interna se correlaciona positivamente com o ajustamento psicológico enquanto que a orientação externa está associada a altos índices de psicopatologia.

Relvas (1983) verificou que globalmente os indivíduos internos apresentavam melhores capacidades de adaptação e menores níveis de ansiedade que os indivíduos externos. O autor relacionou o constructo com dois tipos de ansiedade (ansiedade-estado, característica de uma activação do sistema nervoso autónomo devi-

do a sentimentos de apreensão e tensão, de carácter temporário, e ansiedade-traço, com características semelhantes à anterior mas de carácter permanente, equivalendo-se à categoria nosológica de neuroticismo) e constatou que os indivíduos de orientação mais interna apresentam maior ansiedade-estado em situações percebidas como sendo orientadas no sentido da externalidade, ou seja, dependentes da sorte ou do acaso e por isso fora do seu controlo. Os indivíduos que se regem por uma orientação mais externa, pelo contrário, apresentam maior ansiedade-estado em situações percebidas como orientadas no sentido da internalidade, ou seja, dependentes do controlo pessoal. Estes resultados parecem estar de acordo com a maior parte dos trabalhos desta área, que apontam para uma forte relação entre a orientação externa e níveis elevados de ansiedade-estado (Relvas, 1983; Archer, 1979). Para além deste, existem numerosos estudos que indicam fortes relações entre a externalidade e a ansiedade (Houtras & Scharf, 1970; Jolley & Spielberg, 1973; Levenson, 1973; Molinari, & Khanna, 1981; Nelson & Phares, 1971, *cit in* Barros *et al.*, 1993; Fanelli, 1977). Esta relação, mais do que linear, parece ser curvilínea, uma vez que todos os sujeitos mais extremos (internos ou externos) se mostram mais ansiosos e desadaptados.

#### **4 – O POTENCIAL PREVENTIVO DA ORIENTAÇÃO INTERNA**

Bialer (1961) tenta formular a conceptualização do sucesso e do erro, durante o processo de desenvolvimento infantil. Em períodos precoces do desenvolvimento, a criança não estabelece relação entre o resultado de um acontecimento e o seu próprio comportamento. Consequentemente, as crianças mais jovens tendem a perceber as suas experiências, positivas ou negativas, como externamente controladas por crenças, pessoas ou outras forças extrínsecas. Se o objectivo do comportamento da criança é bloqueado ou impedido, ela categoriza a experiência de "desagradável". Se o objectivo é atingido, é categorizado de "agradável". O funcionamento nesta fase é predominantemente hedonista uma vez que é casual, onde a actividade se justifica por si. Com o passar do tempo a criança começa

a relacionar os resultados das suas experiências com as suas acções. A orientação para a concretização dos seus objectivos passa a ser internamente controlada. Esta alteração de orientação (de externalidade para a internalidade) implica a capacidade de categorizar os acontecimentos em termos de sucesso e fracasso. Deste modo, é possível distinguir duas etapas de um processo. Enquanto que nas crianças mais jovens existe um sistema motivacional que dirige as suas respostas comportamentais de forma quase ocasional (levando a categorizações simples como agradável ou desagradável), nas crianças mais velhas, com o amadurecimento e a internalidade do LC, emerge um novo sistema motivacional. Neste, a criança dirige o seu comportamento, intencionalmente, para tarefas que envolvam o sucesso e/ou o fracasso. Como os dois sistemas subsistem em crianças mais velhas, podem existir situações em que estes entrem em conflito. Um desses casos é, por exemplo, a capacidade de adiar a gratificação face a uma recompensa considerável, mesmo que para isso tenha que enfrentar tensão e desconforto. Em situações onde é pedido à criança que escolha entre uma pequena recompensa imediata e uma grande recompensa a prazo verificou-se que as crianças mais novas tendem a satisfazer a gratificação imediata enquanto que as mais velhas optavam pelas recompensas mais valiosas e tardias.

Com base nestes pressupostos, Bialer (1961) considerou que o desenvolvimento da conceptualização do sucesso/erro pode ser observado ao longo de três dimensões: a mudança da externalidade para a internalidade; a mudança do funcionamento casual pelo funcionamento sugerido pelos ensaios de sucesso e de erro; e a mudança da escolha de gratificação imediata pela gratificação a termo. Cada um destes padrões de comportamento deve estar associado a maturações de índole social, intelectual e física. Assim, desenvolveu uma investigação no sentido de perceber como se forma a conceptualização do sucesso e do fracasso. Para isso, utilizou no seu estudo crianças ditas normais e outras com algum atraso no seu desenvolvimento e cruzou 5 variáveis: a maturação física, a maturação socio-intelectual, o perfil LC, a situação de escolha

repetida e o padrão de adiar a gratificação. Dos resultados obtidos por Bialer (1961), destacam-se o facto do investigador correlacionar positivamente a internalidade com a capacidade de adiar a gratificação. Parece, deste modo, que os indivíduos com um funcionamento mais interno tendem a apresentar maior capacidade de adiar a gratificação.

Strickland (1970) tenta perceber a relação entre três variáveis (necessidade de aprovação; crença internalidade/externalidade no controlo do reforço e inteligência verbal) na aquisição, extinção e atenção de respostas em tarefas que envolvam a condição verbal. Dos resultados obtidos importa realçar a relação encontrada entre a crença na internalidade/externalidade e a influência que o experimentador exerce sobre o sujeito. A autora verificou que quanto mais externa é a orientação do sujeito mais sensível fica relativamente às influências do experimentador. Pelo contrário, os indivíduos com uma orientação LC mais interna tendem a resistir à pressão exercida pelo experimentador e parecem seguir as suas convicções para dar as respostas correctas nas tarefas experimentais. Estes dados parecem sugerir que os indivíduos internamente orientados apresentam maior resistência à pressão social quando comparados com os externos (Lourenço, 1988).

O desenvolvimento do julgamento moral também foi relacionado com o constructo LC. Guthrie (1985) examinou a relação entre o LC e a dependência/independência de campo no desenvolvimento da moralidade infantil. A dependência/independência de campo foi definida pelo autor como a capacidade de pensar de forma abstracta, ou seja, a capacidade de resolver problemas recorrendo a um conjunto de princípios de constructo da personalidade. Os resultados dos seus estudos revelaram que níveis de externalidade e dependência de campo elevadas se correlacionavam positivamente com baixos níveis de desenvolvimento moral. O contrário também se verificou, ou seja, os indivíduos internamente orientados e independentes de campo manifestaram níveis elevados de julgamento moral.

Baumgardner e col. (1986), estudaram o papel da atribuição de responsabilidade na resolução de problemas. A resolução de problemas é uma variável de

personalidade que se correlaciona com o ajustamento psicológico face a dificuldades (Heppner, Baumgardner & Jackson, 1985; Heppner & Peterson, 1982, *cit in* Baumgardner *et al.*, 1986) e diz respeito à percepção de cada indivíduo sobre a sua capacidade de resolver problemas, bem como percepções sobre a sua eficácia pessoal. Os autores verificaram que os sujeitos com orientação interna tendem a apresentar melhores resultados na resolução de problemas pessoais e interpessoais. Quando analisaram a questão do sucesso e do fracasso (na orientação interna) demonstraram também que a assunção da responsabilidade para o fracasso é melhor preditor dos sujeitos que consideram ser eficientes na resolução de problemas do que a assunção do sucesso. Globalmente, estes resultados parecem importantes na medida em que sugerem que a internalidade é um facilitador da resolução de problemas pessoais e interpessoais.

Gordon, Jones e Short (1997) tentaram perceber a relação entre o constructo LC e a persistência face a uma tarefa. Deste modo criaram *settings* experimentais onde pediam a crianças que realizassem determinada tarefa, mediante instruções que ora apontavam para o esforço como determinante para a sua realização (orientação interna), ora apontavam para a sorte (orientação externa) como factor determinante para a realização da mesma. Os resultados obtidos sugeriram que, de uma forma geral, os sujeitos com uma orientação interna apresentam maior persistência em tarefas que não tenham um desempenho explícito ou recompensa prometida. Estes dados podem, de alguma forma, explicar o facto dos sujeitos de orientação interna apresentarem, por norma, maior persistência de realização face a tarefas de desempenho escolar. Por outras palavras, a capacidade de persistir na ausência de um reforço, provavelmente facilita melhores níveis de desempenho escolar, uma vez que as crianças persistentes podem ter desenvolvido sistemas internos de auto-reforço bem como a capacidade de perceber a relação entre o seu comportamento e a respectiva consequência.

Fanelli (1977) elabora uma vasta revisão bibliográfica sobre o constructo LC. Dos vários estudos que refere, salienta-se os estudos de Platt e Eisenman (Platt &

Eisenman, 1968, *cit in* Fanelli, 1977) que sugerem que os sujeitos com uma orientação interna têm uma perspectiva da vida a longo termo comparativamente aos externos, ou seja, os internos têm uma visão longa do tempo e os externos, restrita. Sendo a noção do tempo um pilar determinante na estruturação do passado, presente e futuro, é de extrema importância para a realização pessoal. Estes dados sugerem que os sujeitos externos podem ser menos orientados para a realização pessoal do que os internos.

Hersch e Scheibe (1967) indicaram que os sujeitos com uma orientação interna, avaliados pelo inventário psicológico da Califórnia, apresentavam melhores resultados em áreas como o domínio, sociabilidade, eficiência intelectual, tolerância e bem-estar. Para além disso, tendiam a descrever-se como esforçados, assertivos, independentes, poderosos e empreendedores. Joe (1971, *cit in* Barros *et al.*, 1993), por outro lado, sugeriu que os indivíduos com uma orientação LC externa, por oposição aos internos, manifestam maiores níveis de ansiedade, mais agressividade, mais dogmatismo e afiguram-se mais desconfiados dos outros.

Para além disso, Barros *et al.* (1993) reforçam a noção de variável diferencial deste constructo. Segundo os autores, alguns estudos (...) *com escalas de personalidade mostram que os internos tendem a ser mais tolerantes, assertivos, independentes, eficazes, mais sociáveis e altruístas, mais resistentes ao grupo de pressão, assumem mais o risco e tarefas que exigem esforço, são mais rápidos a resolver situações ficando ansiosos se o não conseguem, pois se atribuem mais a responsabilidade pelo fracasso e por isso podem usar mais o recalçamento e outros mecanismos de defesa* (Barros *et al.*, 1993, pág. 33). Os externos, pelo contrário, são mais ansiosos, agressivos, dogmáticos (Fanelli, 1977; Relvas, 1983), depressivos (Lefkowitz e Tesiny, 1985), mais conformistas e influenciáveis (particularmente quando a outra pessoa é de prestígio) menos activos e altruístas. (Barros *et al.*, 1993; Hersch e Scheibe, 1967).

Finalmente, um comentário para a relação entre LC e a toxicodpendência. Pereira (1999), num estudo que elabora com heroinodependentes, postula a hipótese de que os indivíduos toxicodpendentes apresentam

maior tendência para a externalidade. De forma a testar esta hipótese, o autor estabelece três grupos distintos (sujeitos não toxicodpendentes; toxicodpendentes e toxicodpendentes em tratamento há pelo menos três meses). A faixa etária da sua população varia entre os 15 e os 26 anos de idade. No que respeita à internalidade, os resultados obtidos por Pereira (1999) não apresentam diferenças significativas entre os grupos. Relativamente à externalidade, pelo contrário, os indivíduos consumidores destacam-se consideravelmente daqueles que nunca consumiram heroína, corroborando a hipótese em estudo que a toxicodpendência se associa à orientação externa da dimensão LC. O autor alerta ainda para outros estudos que contrariam estes resultados (Berzins & Ross, 1973; Smithyman, Plant & Southern, 1974, *cit in* Pereira, 1999) ao associar os consumidores de substâncias psicoactivas a orientações mais internas de LC. Uma possível explicação avançada por Pereira (1999) para estas divergências pode estar associado ao conceito de falsos externos, descrito por Rotter (1966). Segundo esta perspectiva, os indivíduos que apresentam uma tendência global para a internalidade podem, no início dos seus consumos, acreditar que os controlam como o desejarem. Com o uso continuado e as diversas tentativas infrutíferas de cessação do comportamento de uso, estes indivíduos podem adquirir uma crença externa sobre a capacidade de extinção desse mesmo comportamento, de forma a defenderem-se da assunção do seu fracasso pessoal. A atribuição da responsabilidade do falhanço a outros significativos e não a si próprio é, deste modo, revelador da externalidade como defesa contra sentimentos de falhanço pessoal, justificando os elevados níveis encontrados.

## 5 – CONCLUSÃO

Pelo exposto, podemos admitir a legitimidade desta variável no âmbito da prevenção do abuso de substâncias psicoactivas. De facto, os argumentos aqui reunidos permitem postular que a acção preventiva pode passar por promover a internalidade da dimensão LC dos seus participantes. Ou seja, podemos admitir que esta variável pode ser utilizada como indicador



de avaliação de resultados de programas preventivos, nomeadamente em populações juvenis e adultas.

Consideramos, deste modo, ter contribuído para enriquecer o universo que envolve as práticas preventivas vigentes, nomeadamente nas metodologias de avaliação por si estruturadas e desenvolvidas.

#### CONTACTO:

##### NUNO MARREIROS

Psicólogo Clínico

Vogal da Comissão para a Dissuasão da Toxicodependência de Faro

E-mail: nuno.marreiros@idt.min-saude.pt

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Archer, R. P. (1979). "Relationships between locus of control and anxiety". *Journal of Personality Assessment*, 43(6), 305-315.
- Bandura, A. (1977). "Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioural change". *Psychological Review*, 84(2), 191-215.
- Barron, F. e Harrington, D. (1981). "Creativity, intelligence and personality". *Annual Review of Psychology*, 32, 477-522.
- Barros, J. H., Barros, A. M. & Neto, F. (1993). *Psicologia do controlo pessoal. Aplicações educacionais, clínicas e sociais*. Braga: Instituto de Investigação Universidade do Minho.
- Baumgardner, A. H., Heppner, P. P. & Arkin, R. M. (1986). "Role of causal attribution in personal problem solving". *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 636-643.
- Bialer, I. (1961). "Conceptualization of success and failure in mentally retarded and normal children". *Journal of personality*, 29, 303-320.
- Bruner, J. (1990). *Actos de significado, para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70.
- Fanelli, C. G. (1977). "Locus of control". In S. Ball (Ed.), *Educational Psychology. Motivation in Education*. (p. 45-66). New York: Academic Press.
- Gordon, D. A., Jones, R. H. & Short, N. L. (1977). "Task persistence and locus of control in elementary school children". *Child Development*, 48, 1716-1719.
- Guthrie, A. (1985). "Locus of control and field independency as factors in the development of moral judgment". *Journal of genetic psychology*, 146(1), 13-18.
- Hersch, P. & Scheibe, K. (1967). "Reliability and validity of internal-external control as a personality dimension". *Journal of Consulting Psychology*, 31, 609-613.
- Lefkowitz, M. M. & Tesiny, E. P. (1985). "Depression in children: prevalence and correlates". *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53(5), 647-656.
- Lifshitz, M. & Ramot, L. (1978). "Toward a framework for developing children's locus of control orientation: implications from the Kibbutz systems". *Child Development*, 49, 85-95.
- Lourenço, O. (1988). "Escala de locus de controlo para crianças - considerações desenvolvimentistas e conceptuais". *Porto: Jornal de Psicologia do Porto*.
- Pereira, J. C. S. (1999). "Locus de controlo e toxicodependência". *Revista Referência*, 3, 63-68.
- Phares, E. J. (1978). "Locus of control". In H. London & J. Exner (Eds.), *Dimensions of Personality* (p. 263-303). New York: Wiley.
- Prawat, R., Grissom, S., & Parish, T. (1979). "Affective development in children, grades 3 through 12". *The Journal of Genetic Psychology*, 135, 37-49.
- Relvas, J. S. (1983). "O locus de controlo na teoria da aprendizagem social e a ansiedade". *Psiquiatria Clínica*, 4(3), 145-154.
- Rotter, J. B. (1966). "Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement". *Psychological Monographs: General and applied*, 80(1), (Whole nº. 609), 1-28.
- Spence A. J. & Spence S. H. (1980). "Cognitive changes associated with social skills training". *Behaviour Research and Therapy*, 18(4), 265-72.
- Strickland, B. R., (1970). "Individual differences in verbal conditioning, extinction and awareness". *Journal of Personality*, 38, 364-378.
- Youkilis, H. & Bootzin, R. (1979). "The relationship between adjustment and perceived locus of control for female psychiatric inpatients". *Journal of Genetic Psychology*, 135 (2d Half), 297-299.